



## ENTREVISTA

### **Antirracismo, ensino médio e livro didático: uma entrevista com o Prof. Ricardo Costa, coautor da obra *Sociologia para jovens do século XXI***

### **Anti-racism, high school and the textbooks: an interview with Prof. Ricardo Costa, co-author of *Sociology for Young People in the 21st Century***

#### ***Douglas Oliveira da Costa***

Graduando em Licenciatura em Educação do Campo pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: [adouki@gmail.com](mailto:adouki@gmail.com)

#### ***Luiz Fernando Martins de Souza***

Graduando em Licenciatura em Educação do Campo pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: [fernando210813@hotmail.com](mailto:fernando210813@hotmail.com)

#### **Síntese biográfica**

O professor Ricardo Cesar Rocha da Costa nasceu em 16 de outubro de 1960, é doutor em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Docente de Sociologia do IFRJ – Campus Arraial do Cabo e docente da Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino de Histórias e Culturas Africanas e Afro-Brasileiras do IFRJ – Campus São Gonçalo.

Quando chegou ao nosso conhecimento a chamada do dossiê “Raça, Gênero e ensino de Ciências Sociais/Sociologia”, da Revista Café com Sociologia, imediatamente nos interessamos em escrever uma proposta de texto, tendo em vista que estávamos debatendo, no Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFRRJ, o ensino de Sociologia e suas produções em livros didáticos.

Durante os debates, especialmente no primeiro semestre de 2023, recebemos a visita do Prof. Ricardo Cesar Rocha da Costa, docente de sociologia do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) e coautor do livro didático *Sociologia para Jovens do Século XXI*. Este livro é do nosso conhecimento desde o início do nosso curso de licenciatura, entretanto, não sabíamos que o mesmo foi adotado, em 2018, por cerca de 15% do total das escolas de ensino médio no Brasil, com uma tiragem de cerca de 1 milhão de exemplares. Após essa informação, resolvemos estudar um pouco mais a fundo sobre a construção de um livro didático que obteve tanta repercussão e aceitação por parte de centenas de professores de todo o Brasil.

Neste sentido, procuramos o professor Ricardo para nos conceder uma entrevista para nos relatar e analisar como se desenvolveu essa produção de um livro didático de sociologia e sua contribuição ao debate sobre racismo e antirracismo.

O livro didático *Sociologia para Jovens do Século XXI* tem como autores, além do professor Ricardo Costa, o professor Luiz Fernandes de Oliveira. Ambos trabalharam juntos como professores de sociologia numa escola pública do Rio de Janeiro, entre os anos de 1999 e 2008.

O professor Ricardo Costa nasceu em 16 de outubro de 1960, é licenciado e bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Especialista em História da África e do Negro no Brasil pela Universidade Candido Mendes (UCAM). Mestre em Ciência Política pela UFF. Doutor em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Docente de Sociologia do IFRJ – Campus Arraial do Cabo e docente da Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino de Histórias e Culturas Africanas e Afro-Brasileiras do IFRJ – Campus São Gonçalo. Co-coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas Educação, Culturas e Decolonialidade - GEPECD. Líder junto ao CNPq do Grupo de Pesquisa Culturas e Decolonialidade.

**Douglas Oliveira:** Como surgiu a proposta de publicar um livro didático de sociologia?

**Prof. Ricardo Costa:** A proposta surgiu ao fim de um processo um pouco longo. Eu e Luiz nos conhecemos na Escola Técnica Estadual República – ETER, em Quintino, subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, em 1999, quando fomos aprovados em concurso da Faetec, no ano anterior, para lecionar Sociologia no ensino médio. Era uma escola enorme, com dezenas de turmas, e a sociologia, na ocasião, era oferecida somente no segundo ano, com dois tempos semanais. Éramos inicialmente três docentes para mais de trinta turmas: eu, Luiz Fernandes e Adriano Giglio. Depois, a equipe cresceu, recebendo mais três docentes. Quando iniciamos o trabalho durante o ano letivo já iniciado, procuramos utilizar a apostila que os estudantes já utilizavam, que havia sido organizada pela equipe anterior, composta por colegas que atuavam sob contrato. Essa apostila era resultado de um recorte de textos dos livros de sociologia existentes na época, de autoria dos pioneiros da década de 1990, Pêrsio Santos de Oliveira (1997), Maria Cristina Castilho Costa (1987) e uma terceira obra coordenada pelo Prof. Nelson Dacio Tomazi (1993). Na ocasião, existia outra obra de que eu e Luiz gostávamos muito, do

Paulo Meksenas (1990), mas ela não compunha a apostila da ETER<sup>1</sup>. Qual era o principal problema? Os estudantes reclamavam muito da apostila, em especial da linguagem dos textos. Daí, em reunião da equipe, decidimos elaborar os nossos próprios textos e elaborar uma nova apostila. Tarefa dada, mas cumprida somente pelos três professores citados inicialmente: eu, Luiz e Adriano, que contribuiu com dois textos. Essa apostila de autoria própria, portanto, veio a ser o embrião do livro didático. Foi intitulada como *Sociologia: Caderno de Textos I*, organizada no ano 2000. Este surgiu quando um colega chamou a nossa atenção para o custo da xerox, que equivaleria a um livro produzido em alguma gráfica artesanal, segundo ele, mas com uma qualidade muito superior às cópias xerográficas reproduzidas naqueles anos. Procuramos saber e, de fato, encontramos uma gráfica em São Gonçalo, administrada por um conhecido, e resolvemos bancar a publicação do livro. Nesse intervalo de tempo, entretanto, o Adriano assumiu a função de Diretor Geral, eleito pela comunidade escolar, e a edição final da proposta de livro ficou sob responsabilidade somente minha e do Luiz. A contribuição original do Adriano ficou reduzida a uma citação sobre o conceito de senso comum, que até hoje consta do primeiro capítulo do livro, mesmo após várias edições. O nome do livro, publicado em 2004, era *Sociologia: o conhecimento humano para jovens do ensino técnico-profissionalizante*. A responsabilidade da edição ficou a cargo do IODS – Instituto de Observação, Desenvolvimento Sustentável e Controle da Qualidade de Vida São Gonçalo do Amarante, uma instituição que organizava trabalhos de educação popular com sede no município de São Gonçalo, da qual eu participava e onde eu residia. O trabalho trazia como ilustrador amador um ex-aluno nosso da ETER, Diego Felipe de Souza Queiroz, hoje professor de Filosofia da SEEDUC/RJ. Vejam bem: apesar da publicação no formato “livro”, o que tínhamos ali, de forma bem amadora, artesanal, era uma apostila produzida numa gráfica “de fundo de quintal” num município da Região Metropolitana!

A publicação editorial do livro acabou acontecendo pela primeira vez, porém, logo no ano seguinte, 2005: um professor de um dos cursos técnicos oferecidos pela escola conheceu essa edição artesanal e veio até nós com a ideia de que submetêssemos a proposta de publicação da obra por uma editora que pertencia à família da sua esposa, em Petrópolis, chamada Catedral das Letras. Trata-se do mesmo livro, com o mesmo conteúdo, o mesmo título, mas com um acabamento gráfico profissional.

A repercussão dessas duas primeiras edições foi relativamente limitada, mas bem interessante, pois, em 2004, quando publicamos a edição artesanal, eu e Luiz fizemos uma pequena divulgação colocando uma banquinha improvisada em um evento voltado para a defesa

---

<sup>1</sup> Perguntado a respeito, o professor entrevistado registrou que nenhum desses manuais apresentava o debate sobre a questão racial, com exceção – “com todas as ressalvas possíveis” – de um pequeno trecho do livro da Maria Cristina Costa que cita Florestan Fernandes e Roger Bastide, de passagem, numa discussão sobre a questão do “subdesenvolvimento” do país, citando a marginalização dos ex-escravizados após a Abolição (cf. COSTA, 1987, p. 139-140).

do ensino de sociologia na educação básica que ocorreu nessa época na UFF, em Niterói, sob a coordenação do saudoso professor Santo Conterato. A obra, no entanto, ganhou uma repercussão nacional a partir da sua publicação, em parceria, pelas editoras Ao Livro Técnico e Imperial Novo Milênio, em 2007. Isto foi possível graças a um livreiro que atuava na ETER e que tinha contato na tradicional Ao Livro Técnico, que há muitos anos publicava diversos títulos voltados para a formação profissionalizante, em várias áreas técnicas. Ele conheceu a segunda edição e propôs que conversássemos com essa nova editora, de maior porte, sediada em São Cristóvão. Daí é que surgiu a obra *Sociologia para Jovens do Século XXI* (SJSXXI), com um acabamento bem profissional, com uma revisão editorial de qualidade, um novo formato, um projeto gráfico interessante. Havia ainda muitos elementos da apostila original, assim como as ilustrações do Diego (ainda eram poucas ilustrações), e a obra continuava em preto e branco, mas houve um cuidado maior em toda a produção, especialmente sob o ponto de vista textual, com destaque para a inserção de títulos criativos na maioria dos capítulos, como forma de chamar a atenção e dialogar mais diretamente com a juventude – o que podemos dizer que foi uma experiência muito bem-sucedida. Nesse mesmo ano de 2007, com a obra publicada, eu e Luiz enchemos duas malas de viagem com exemplares do livro e oferecemos o trabalho nos intervalos do I Encontro Nacional de Sociologia e Filosofia, organizado em São Paulo pela APEOESP. O sucesso foi imenso e o livro didático passou a ser conhecido nacionalmente, sendo também adotado pela Secretaria de Educação de Pernambuco, que nos convidou para participar de um evento voltado para a formação continuada com os professores da rede, em Recife, no ano seguinte.

Como se sabe, o Parecer CNE/CEB 38/2006 e a Lei n. 11.684, de 2008, após anos de luta das licenciaturas, de instituições acadêmicas e sindicatos, finalmente aprovou a obrigatoriedade da oferta do ensino de Sociologia nas escolas de Ensino Médio. Então, quando foi publicado o primeiro Edital para o PNLD, em 2010, resolvemos, juntamente com a editora, reescrever e reformatar o livro e apresentá-lo ao exame de seleção, mantendo o seu título SJSXXI. Fomos reprovados, no entanto, pois, apesar do investimento realizado pela editora, o acabamento gráfico e o tratamento das imagens não atendeu aos critérios de exigência previstos nesse edital. A revisão desses erros possibilitou o aperfeiçoamento do trabalho e sua participação e aprovação nos dois editais seguintes, publicados em 2013 e em 2016. Há alterações importantes entre essas três últimas edições do livro, mas a discussão sobre a questão racial manteve o padrão que marcou a obra ao longo desses anos.

**Luiz Fernando:** O debate sobre o racismo e o antirracismo estava presente nessa proposta inicial de livro e por quê?

**Prof. Ricardo Costa:** O debate sobre a questão racial esteve presente desde a apostila que originou a primeira publicação, citada na pergunta anterior. Nesses primeiros escritos, porém, apresentamos um capítulo intitulado “Desigualdades sociais e relações sociais entre diferentes”. Nele, discutimos as cinco formas de opressão enquanto cinco desigualdades – de classe, de gênero, de geração, de orientação sexual, e racial e étnica – geradas no contexto das relações sociais capitalistas, abrindo seções específicas para debatê-las. Nessa mesma primeira publicação há também outro capítulo, voltado para o debate sobre a violência e a criminalidade urbana, em que se destaca o genocídio da população jovem negra da periferia como consequência direta das políticas públicas de segurança que privilegiam a repressão às comunidades onde residem as famílias da classe trabalhadora.

Já a primeira edição do SJSXXI, de 2007, apresenta um capítulo específico para apresentar e debater o racismo e o antirracismo. O título já remetia às edições mais recentes do livro - “Onde você esconde o seu racismo?” Diversidades e desigualdades raciais – e o conteúdo chamava atenção para o genocídio do povo negro (e indígena e palestino etc.) provocado pela barbárie capitalista, debatendo o conceito de racismo a partir da universalização do conceito de humanidade que será construído desde a razão iluminista eurocêntrica e se aprofundar e se transformar no racismo “científico” do século XIX. Além disso, o texto discute as desigualdades sociais sob o ponto de vista social e histórico, destacando a construção dos preconceitos e estereótipos contra os escravizados da diáspora africana desde o processo de colonização imposto ao Brasil, procurando desconstruir os estigmas envolvendo o continente africano como uma região “primitiva” e “sem história”, denunciando o apagamento da rica história das nações africanas como um processo de apagamento epistemológico por parte do racismo construído pelos brancos europeus.

O racismo e o antirracismo no Brasil estão presentes não somente sob o ponto de vista da discussão teórica, como também através dos diversos dados que são apresentados, como base nas pesquisas do IPEA e do IBGE, como também nas formas de enfrentamento dessa violência por parte do povo negro, seja na organização da resistência quilombola à construção do MNU, assim como na luta travada na África do Sul contra a segregação imposta pelo regime de *apartheid*, sob a liderança de Mandela e Steve Biko, e à luta antirracista estadunidense, com referências a Malcolm X, Luther King, o Movimento pelos Direitos Civis e a organização dos Panteras Negras.

Por que essa “preocupação” em se debater a questão racial? Entendemos que não tem como se escrever um livro didático de sociologia e não fazer essa discussão, que é central em um país extremamente racista como é o nosso, no qual a escravização de negros e negras marcou quatro séculos da nossa história e cuja chamada “abolição”, no final do século XIX, não significou a construção de um projeto minimamente igualitário de nação. Deve-se registrar

também, quanto a isso, que as escolas públicas nas quais trabalhamos é composta majoritariamente por uma juventude negra e sempre nos preocupamos em realizar dinâmicas e trabalhos interdisciplinares nos quais denunciávamos o racismo, procurávamos desconstruir os estereótipos ligados à história africana etc. Nesse sentido, é importante ressaltar que o debate sobre racismo e antirracismo já estava presente em nossas práticas docentes, independentemente da sua sistematização didática, como se propõe a fazer o livro.

**Douglas Oliveira:** Quais são os autores de referência no debate sobre o antirracismo que vocês utilizam no livro?

**Prof. Ricardo Costa:** Utilizamos, em debates distintos, autores/as como Muniz Sodré, Florestan Fernandes, Steve Biko, Clóvis Moura, Hélio Santos, Abdias do Nascimento, Kabengele Munanga, Lélia Gonzalez, Andreilino Campos, Mike Davis, Djamila Ribeiro.

**Luiz Fernando:** E como vocês propõem trabalhar este tema com outros conteúdos presentes no livro?

**Prof. Ricardo Costa:** O debate sobre o racismo atravessa a obra em diversos momentos, com o objetivo de sempre provocar essa discussão como parte integrante de outras questões. Além da discussão citada acima, quanto à violência e criminalidade urbanas, a questão racial se torna central, por exemplo, no debate quanto às relações de gênero e dominação masculina, objeto de outro capítulo, quando situamos a militância de Lélia Gonzalez e a constituição do feminismo negro no Brasil, na esteira do movimento encabeçado desde a década de 1960 por Angela Davis nos EUA. O livro apresenta uma discussão sobre essa *terceira onda* do movimento feminista, inclusive fazendo referência à organização da Marcha das Mulheres Negras neste século XXI. Entre as autoras feministas citadas, destacamos também a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. No conteúdo sobre a questão urbana (há um capítulo específico com esse debate), fizemos questão de inserir a origem africana das primeiras cidades durante a chamada Revolução Neolítica, discutindo e apresentando imagens das cidades de Tombuctu, no Malai, e de Meroe, capital do Império Kush, entre 270 a.C. e 370 d.C., a origem da prática da agricultura no delta do rio Nilo entre 6.000 e 5.000 a.C., além de citar o processo de sedentarização humana na antiga Núbia e na região do atual Quênia. Nesse mesmo capítulo, fazemos uma discussão sobre a ideia de “cidade partida”, debatendo a segregação socioespacial e étnico-racial presente nas favelas que marcam as periferias das grandes cidades brasileiras como resultado o processo de “abolição”, seguindo a observação do falecido professor Andreilino Campos, que lecionou Geografia na UERJ/FFP.

O debate sobre a questão racial está presente também em outros momentos da obra, como na discussão conceitual que envolve a caracterização da ideia de *senso comum* e nos conceitos de *socialização* e de *mobilidade social*, no qual a variável “cor da pele” se torna central para a compreensão desses processos. Afinal, como sabemos, o processo de socialização de uma criança branca não é o mesmo, de forma alguma, do que ocorre com uma criança negra. Da mesma forma, não há como discutir conceitualmente a mobilidade social sem levar em conta que esta não é a mesma quando nos referimos a homens e mulheres negras – ainda mais estas últimas!

**Douglas Oliveira:** Estão presente no livro o debate sobre feminismo negro e o conceito de interseccionalidade?

**Prof. Ricardo Costa:** Em relação ao feminismo negro, respondemos na pergunta anterior. O conceito de interseccionalidade, por sua vez, não é apresentado de forma direta, mas exatamente na própria discussão presente no feminismo negro, quando situamos a contribuição de Angela Davis e Lélia González na identificação das diversas camadas de opressão a que as mulheres negras são submetidas, enquanto mulheres, enquanto negras e enquanto pertencentes à classe trabalhadora. No capítulo sobre gênero e dominação masculina, por exemplo, destacamos o primeiro parágrafo da pág. 350, no transcorrer no debate sobre o chamado *transfeminismo*.

Como se observa, está presente, de forma bem explícita, o conceito de interseccionalidade.

**Luiz Fernando:** Tem conhecimento sobre a presença desse debate racial em outros livros didáticos?

**Prof. Ricardo Costa:** Sim, mas assumo a postura política de considerar nesta resposta somente os livros didáticos voltados para o ensino médio aprovados no PNLD 2018, o último que precedeu à chamada Reforma do Ensino Médio – o Novo Ensino Médio (NEM) aprovado pelo Congresso Nacional em 2017 [Lei nº 13.415/2017] durante a gestão Michel Temer, pós-golpe contra Dilma Roussef. As obras didáticas mais recentes, que seguiram o espírito dessa contrarreforma, adotadas e presentes atualmente em diversas escolas públicas, representam e avalizam a retirada da sociologia enquanto disciplina escolar no ensino médio, por maiores que sejam as “boas intenções” discursivas dos colegas que se dispuseram a participar desse processo infame.

Assim, analisando “por alto” as quatro outras obras aprovadas no último PNLD pré-NEM, podemos listar a presença do debate racial da seguinte forma:  
Antirracismo, ensino médio e livro didático | Douglas O. da Costa | Luiz Fernando M. de Souza

1. *Sociologia*, de Silvia Maria de Araújo, Maria Aparecida Bridi e Benilde Lenzi Motim (2ª ed. São Paulo: Scipione, 2017).

O livro das três colegas da UFPR, duas delas aposentadas, não apresentam e debatem a questão racial em qualquer capítulo específico. Apresenta a discussão de forma fragmentada em algumas seções, entretanto, como é o caso, por exemplo, do tema da desigualdade social, na qual se destacam reflexões sobre as desigualdades étnico-raciais, com referências à realidade social brasileira. O texto apresenta uma imagem e uma charge que toca explicitamente no tema, além de citar as obras de Gilberto Freyre e Florestan Fernandes. Mais à frente, no capítulo “O sentido do trabalho”, encontramos três páginas de discussão sobre as desigualdades étnico-raciais no mercado de trabalho, apresentando dados estatísticos e uma breve reflexão a respeito.

2. *Sociologia Hoje*, de Igor José de Renó Machado, Henrique Amorim e Celso Rocha de Barros (2ª ed. São Paulo: Ática, 2017).

Trata-se de uma obra que podemos considerar como mais “acadêmica”, escrita por três colegas formados pela Unicamp/SP. Dois deles atuam como professores universitários (na Ufscar/SP e na Unifesp/SP) e um é colunista da Folha de São Paulo. O livro apresenta uma perspectiva de abordagem mais próxima ao ensino superior e com uma separação bem demarcada entre os campos das C. Sociais: Sociologia, Antropologia e Ciência Política. Nesse sentido, a temática é debatida de forma mais explícita em duas seções: “A escravidão e a questão racial”, parte do capítulo intitulado “Sociologia brasileira”, e “Antropologia e relações raciais”, integrante do capítulo “Antropologia brasileira”. Neste último, há um resgate histórico de como a Antropologia tratou o tema das relações raciais no Brasil, citando Nina Rodrigues e as teorias eugenistas, no início do século XX e, nas décadas seguintes, as obras de Gilberto Freyre os anos 1930 e Arthur Ramos nos anos 1940, quando cita o Projeto Unesco. Ao final da seção, que se desenvolve em três páginas, faz referência a Florestan e ao Congresso da COPENE, de 2012. Já na seção do capítulo sobre a Sociologia brasileira, Florestan é retomado com maior força, assim como são citados diversos sociólogos, historiadores e antropólogos que se dedicaram a pesquisas e reflexões sobre a questão racial. A discussão central presente nestas três páginas, também tomando Florestan como base, é a desconstrução do mito da democracia racial.

3. *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*, de Helena Bomeny, Bianca Freire-Medeiros, Raquel Balmant Emerique e Julia O'Donnell (3ª ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2016).

A obra reúne quatro docentes universitárias, sendo duas da UERJ, uma da USP e outra da UFRJ. É o único livro didático que participou e foi aprovado nos três processos de escolha de livros didáticos (três editais) que tivemos desde a lei que instituiu o PNLD para o ensino médio, incluindo a Sociologia como disciplina. Mais uma vez, temos um livro didático que não apresenta um capítulo específico sobre a questão racial. O capítulo 18, intitulado “Desigualdades



de várias ordens”, apresenta três seções sobre o tema, distribuídas em seis páginas. Além de três ilustrações (Luther King, uma repetida e famosa charge do Angeli sobre o “Dia da Consciência Negra” e uma foto da histórica manifestação do MNU em S. Paulo, em 20/11/1979), apresenta dados estatísticos que confirmam o racismo no país e apresenta as discussões que envolvem os autores Gilberto Freyre, Florestan Fernandes, Oracy Nogueira, Carlos Hasenbalg e Kabengele Munanga. Há uma interessante comparação entre o racismo brasileiro e o racismo norte-americano, tomando como referência o debate conceitual de Oracy Nogueira sobre “preconceito de marca” e “preconceito de origem”. A última das três seções traz o debate sob o ponto de vista legal, como anuncia o título “Raça e racismo na legislação brasileira”.

4. *Sociologia em Movimento*, de Afrânio Silva e mais 16 autores (2ª ed. São Paulo: Moderna, 2016).

Finalmente, uma obra que apresenta um grande diferencial em relação às obras anteriores, por reunir docentes que lecionam no ensino médio, com destaque para o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, pertencente à rede pública federal. Foi o livro com maior percentual de escolha nos dois últimos PNLD (não participou do primeiro). Diferentemente dos livros didáticos citados anteriormente, apresenta um capítulo específico sobre a questão racial: “Raça, etnia e multiculturalismo”, além de retomar o debate numa seção presente em outro capítulo, “Gêneros, sexualidades e identidades”, centrado na discussão sobre “Interseccionalidades: raça, classe e gênero”. Em relação à abordagem dos conteúdos, trata-se de uma obra bem ilustrada, com gráficos, charges e fotografias que contribuem para o debate racial, tendo também uma preocupação com a abordagem conceitual, como fazemos no SJSXXI. São trabalhados todos os autores citados anteriormente, mas acrescentando o professor Ahyas Siss, da UFRRJ. Há também uma comparação com o racismo nos EUA, desenvolvendo uma boa discussão sobre a concepção de ações afirmativas e o debate sobre as cotas raciais. Apresenta também a formulação das Leis 10.639/03 e 11.645/08. Debate a questão do racismo no esporte, discutindo também o racismo presente no futebol, que é um fenômeno bastante recorrente, como sabemos. Já na seção sobre interseccionalidades, apresenta o feminismo negro e cita Angela Davis, bell hooks e Lélia Gonzalez.

### **Referências das obras citadas durante a entrevista:**

ARAÚJO, Silvia; BRIDI, Maria Aparecida; MOTIM, Benilde. *Sociologia*. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 2017.

BOMENY, Helena et al. *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*. 3ª ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2016.

COSTA, Maria Cristina Castilho. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. São Paulo: Moderna, 1987.

Antirracismo, ensino médio e livro didático | Douglas O. da Costa | Luiz Fernando M. de Souza

GIGLIO, Adriano; OLIVEIRA, Luiz Fernandes; COSTA, Ricardo Cesar Rocha. *Sociologia: Caderno de Textos I*. Rio de Janeiro: Escola Técnica Estadual República / FAETEC, 2000. (Mimeo.)

MACHADO, Igor; AMORIM, Henrique; BARROS, Celso. *Sociologia Hoje*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2017.

MEKSENAS, Paulo. *Sociologia*. São Paulo: Cortez, 1990. (Coleção magistério – 2º grau. Série formação geral).

OLIVEIRA, Luiz Fernandes; COSTA, Ricardo Cesar Rocha. *Sociologia: o conhecimento humano para jovens do ensino técnico-profissionalizante*: São Gonçalo/RJ: IODS, 2004.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes; COSTA, Ricardo Cesar Rocha. *Sociologia: o conhecimento humano para jovens do ensino técnico-profissionalizante*. Petrópolis/RJ: Catedral das Letras, 2005.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes; COSTA, Ricardo Cesar Rocha. *Sociologia para Jovens do Século XXI*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico / Imperial Novo Milênio, 2007.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes; COSTA, Ricardo Cesar Rocha. *Sociologia para Jovens do Século XXI*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2010.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes; COSTA, Ricardo Cesar Rocha. *Sociologia para Jovens do Século XXI*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2013

OLIVEIRA, Luiz Fernandes; COSTA, Ricardo Cesar Rocha. *Sociologia para Jovens do Século XXI*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2016.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos. *Introdução à Sociologia*. 17ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

SILVA, Afrânio et al. *Sociologia em Movimento*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2016.

TOMAZI, Nelson Dacio (Coord.). *Iniciação à Sociologia*. São Paulo: Atual, 1993.

***Entrevista realizada em: 13 de outubro de 2023 pelo Google Meet.***

***Recebido em: 17 novembro de 2023.***

***Aceito em: 22 fevereiro de 2024.***